

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

FORMULÁRIO-SÍNTESE DA PROPOSTA - SIPES  
EDITAL EDITAL UEMS Nº 004/2018 –PROPP/UEMS PROJETOS DE PESQUISA SEM  
RECURSO FLUXO CONTÍNUO

Uso exclusivo da Pró-Reitoria de Pesquisa

PROCESSO Nº:

SIPES Nº: 377454.1602.298684.10032022

---

## 1. Introdução

---

### 1.1 Identificação da Proposta

<b>Título:</b>	Geografia histórica e história do lugar na Rede Belavistense de Jornais: o acervo digital como preservação da memória geo-histórica no Sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul
<b>Coordenador:</b>	Tiago Satim Karas / Docente
<b>Tipo da Proposta:</b>	Projeto Institucional
<b>Edital:</b>	EDITAL UEMS Nº 004/2018 –PROPP/UEMS PROJETOS DE PESQUISA S
<b>Instituição:</b>	UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
<b>Unidade Geral:</b>	Jardim - Unidade Universitária de Jardim
<b>Unidade de Origem:</b>	Geografia - Coordenação do Curso de Geografia
<b>Início Previsto:</b>	10/06/2022
<b>Término Previsto:</b>	09/06/2024
<b>Possui Recurso Financeiro:</b>	Não

### 1.2 Detalhes da Proposta

<b>Natureza do Projeto:</b>	Básica
<b>Área de Conhecimento:</b>	Ciências Humanas » Geografia » Geografia Humana
<b>Grupo de Pesquisa no CNPq:</b>	GEFRONTTER - Grupo de Estudos em Fronteira, Turismo e Território
<b>Linha de Pesquisa:</b>	Dinâmicas territoriais do MS e espaços fronteiriços
<b>Parecer do Comitê de Ética:</b>	Não

**Local de Realização:**

### 1.3 Parcerias

Nome	Sigla	Parceria	Tipo de Instituição/IPES	Participação
Victor Hugo Velasquez Pereira	RBJ	Externa à IES	Organização de Iniciativa Privada	Colaborador
Wellington Luiz de Marchi	SCB-Bo nito	Externa à IES	Instituição Governamental Municipal	Colaboração
Cláudia Aparecida Paez Acosta	BPM-Ja rdim	Externa à IES	Instituição Governamental Municipal	Colaboração
Arnaldo Rodrigues Menecozi	IHG-MS	Externa à IES	Outros	Colaboração
Maria Madalena Dib Mereb Greco	IHG-MS	Externa à IES	Outros	Colaboração
Anailton de Souza Gama	UEMS	Interna à IES	UEMS - Jardim - Gerência de Jardim	Colaborador
João Carlos Velasquez	RBJ	Externa à IES	Organização de Iniciativa Privada	Colaborador

### 1.4 Descrição da Proposta

#### Resumo da Proposta:

O presente projeto tem o objetivo de debater sobre as contribuições teóricas e metodológicas da geografia histórica e história do lugar a partir da fonte primária de pesquisa dos jornais da Rede Belavistense. Sua finalidade específica é conscientizar estudantes, professores, instituições públicas e privadas sobre a importância da preservação da fonte ao empreender a prática de digitalização de baixo custo deste acervo jornalístico. A metodologia a ser empregada será de aprofundar a pesquisa em referencial bibliográfico a respeito das contribuições teórico-metodológicas da geografia histórica, também serão buscadas parcerias em secretarias municipais, instituições públicas e privadas da região Sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul, a fim de implementar acervo digital. Para isso, a proposta é adotar um sistema adaptado de foto digitalização, similar ao empregado pelo Instituto Histórico Geográfico deste estado, instituição essa que já é parceira e temos trabalhado em colaboração em outros projetos, como na "Rede Belavistense de Jornais: a fonte jornalística no ensino da geografia histórica local e regional", já em fase de conclusão. Os resultados esperados com a realização desse projeto é mobilizar a comunidade acadêmica, escolas, sociedade em geral sobre a importância da preservação de uma fonte jornalística que é singular, não só para contribuir com estudos e pesquisas futuras na geografia histórica, seja na graduação ou pós-graduação, além do ensino e aprendizagem na educação básica, mas sobretudo para colaborar na preservação de um material histórico, que na verdade são os únicos exemplares desses jornais que se tem conhecimento.

#### Palavras-Chave:

Belavistense, jornais, fonte empírica, Geografia histórica

#### Informações Relevantes para Avaliação da Proposta:

##### 1.4.1 Justificativa

Este projeto dá oportunidade ao aprofundamento do debate e discussão teórica no que diz respeito às

referências teórico-metodológicos da geografia histórica, referenciais bibliográficos imprescindíveis em qualquer pesquisa científica, também se dará pela importância de desenvolver uma metodologia de implantação de acervo digital jornalístico de baixo custo.

Tendo a certeza de que essas duas frentes justificam-se, sobretudo, por ser uma iniciativa que buscará conceber uma prática que tem a finalidade de dar o devido valor aos documentos e fatos históricos que constituíram e constituem esta sociedade, especialmente a memória geo-histórica do Sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul. Com isso, sua importância também se revela por ser uma iniciativa que irá contribuir subsidiando futuras pesquisas e/ou práticas de ensino da geografia histórica e história do lugar, tanto no âmbito das atividades acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão, graduação e/ou pós-graduação, bem como, nas práticas de ensino e aprendizagem da rede básica de ensino municipal e estadual.

Há que destacar também, que estamos falando da possibilidade e da necessidade da criação de um acervo digital de um material jornalístico que é singular e não se tem conhecimento de outra forma de acesso que não seja pela manipulação manual deste conteúdo: são únicos os exemplares dos jornais da Rede Belavistense que se tem conhecimento. Material físico que pela própria natureza em que se encontram, o tempo, por si só, pode vir a danificá-los. Imaginem, então, se não forem manipulados com cuidado e de forma adequada. Em suma, a digitalização representa possibilidade de perenização dessa fonte jornalística para consultas, estudos e pesquisas futuras.

#### **1.4.2 Fundamentação Teórica**

Atualmente a compreensão sobre a importância do estudo da história para a compreensão geográfica da sociedade não é nenhuma surpresa, entretanto, a História do Pensamento Geográfico, demonstra que nem sempre foi assim.

Foi a partir do próprio desenvolvimento das relações capitalistas, especialmente e contraditoriamente, em sua fase imperialistas que se abriram novos caminhos para a renovação do pensamento geográfico. Autores Como Max Sorre, Pierre George, Yves Lacoste, deram as contribuições para romper a herança do pensamento deterministas e possibilitas, cuja matriz do pensamento geográfico, quase em sua totalidade, até então mantinha orientação com a geografia Alemã, tendo o Friederich Ratzel, e a geografia Francesa, neste caso representado por Vidal de La Blache, seus principais representantes (MOREIRA, 2009).

No Brasil, a renovação no pensamento geográfico, se concretizou entre as décadas de 1970-1980. Talvez o principal marco dessa renovação, no final da década de 1970, foi o III Encontro Nacional de Geógrafos da AGB, em 1978, em Fortaleza/CE. Da mesma forma, a principal consequência deste encontro: a reforma estatutária da AGB; resultando na chamada democratização da AGB (FRANÇA, 2008).

Muito além do marco histórico da realização desse congresso da AGB, começam a surgir pesquisas científicas, até então inexistentes na geografia brasileira, a respeito da valorização da dimensão temporal nos estudos geográficos. Essa renovação do pensamento tornou-se possível decorrente da reorientação de seu método de Estudo, a partir do método materialismo histórico dialético .

Dois importantes marcos desta renovação do pensamento geográfico brasileiro foram “Por Uma Geografia Nova” (SANTOS, 2012, [1978]) e “O Movimento Operário e a Questão Cidade-Campo no Brasil” (MOREIRA, 2013, [1985]). O Primeiro, resgatando a história do pensamento geográfico, ao mesmo tempo apontando os pressupostos para uma geografia crítica. O segundo, uma aplicação concreta do materialismo histórico dialético no estudo da formação da classe operária no Brasil.

Ao tomar como referências essas duas obras, não se quer com isso desconsiderar na atualidade a vastidão da produção científica geográfica em que a dimensão espaço-tempo se tornou indissociável. Além do que, essas obras foram e ainda são importantes na formação acadêmica de quem escreve esta proposta de pesquisa, sobretudo o professor Ruy Moreira, na qual pode-se conhecer pessoalmente e, por diversas vezes, aprender e trocar experiências, a exemplo do grupo de estudos Teoria e Métodos, coordenado entre os anos de 2012 e 2013, pelo professor Dr. Douglas Santos e vinculado ao Programa de Pós-graduação em Geografia PPGG/UFGD.

Segundo Milton Santos (2012) a preocupação com a noção de tempo na geografia não é algo recente,

entretanto, por várias décadas predominou uma certa ausência de critérios relativos à contribuição teórico-metodológica das dimensões inerentes ao espaço e tempo. A concepção de espaço relativo, em oposição ao espaço container, se consolida entre as décadas de 1950 e 1960, entretanto, segundo o autor, ainda era incapaz de responder a demandas mais concretas da sociedade: sua concepção inicial estava mais preocupada em responder as demandas do mercado, planejamento, desenvolvimento territorial, ou seja, às questões pragmáticas. Duas das suas contribuições principais ficaram restritas às teorias das ondas de inovações e difusão, a exemplo, de Von Thünen e as “teorias dos lugares centrais” de Walter Christaller.

Não por mera coincidência que o período de reformulação e consolidação da compreensão de espaço absoluto para espaço relativo corresponde também, a evolução da geografia histórica. É o que demonstra, Carneiro (2018), em que sua sistematização teórico-metodológica, também se iniciou a partir da década de 1950. Em seu estudo, o autor destaca as contribuições de Henry Darby, Andrew Clark, Carl Sauer e Donald Meinig, destacando, que as contribuições desses autores para a geografia, “mostraram que pensar historicamente é parte essencial do ato de fazer geografia humana” (CARNEIRO, 2018, p. 35).

Embora essencial, sua forma de fazer ciência privilegiava exclusivamente o caráter prático. O enfoque espaço-temporal necessário nas ciências humanas, vai além da concepção utilitarista que predominou na geografia pragmática. E a dimensão espaço-temporal, é essa indissociabilidade, que ao tomar como ponto de partida a geografia, se refere ao fato de que não há conhecimento geográfico sem o estudo da história, e/ou vice-versa. Na geografia Brasileira, foi Santos (2012) quem compreendeu inicialmente a formação do espaço como produto histórico e dialético.

Tudo o que existe articula o presente e o passado, pelo fato de sua própria existência. Por essa mesma razão, articula igualmente o presente e o futuro. Desse modo, um enfoque espacial isolado ou um enfoque temporal isolado são ambos insuficientes. Para compreender qualquer situação necessitamos de um enfoque espaço-temporal. (SANTOS, 2012, p. 252).

Assim, a dialética espaço tempo, compõe uma totalidade em que os fenômenos socioespaciais não existem por si só, ou seja, os eventos são existem fora de seus contextos temporais, conjunturais e estruturais. Caso contrário, fenômenos ou eventos que não sejam analisados em relação à fenômenos e eventos do passado, podem, no mínimo, serem utilizados como instrumentos de poder ideológicos a fim de manipularem as relações e falsear a realidade. Como observa Santos (2012), o tempo nos coloca diante da noção de espaço relativo, um “espaço considerado como um sistema de relações ou como um campo de forças” (2012, p. 252).

Entretanto, uma das maiores dificuldades no que diz respeito ao estudo espaço-temporal, trata-se de como operar rigorosamente os fenômenos e eventos de forma concreta para mensurar seu valor qualitativo em meio às relações que são por natureza contraditórias. Assim, apesar da noção espaço-tempo de certa forma ser tratada com certa convicção na atualidade dos estudos geográfico, um dos obstáculos que permanece é o rigor metodológico.

Fazer referência a um fenômeno no passado, não significa que se esteja utilizando de forma adequada as variáveis da dimensão espaço-temporal. Como observa Milton Santos, uma simples referência do passado em meio a explicações fragmentadas, não se caracteriza como estudo geo-histórico. Entretanto, essa forma compartimentada muitas vezes tem caracterizado a disciplina de geografia, sobretudo os livros didáticos utilizados na educação básica. Nesse caso, os fenômenos são utilizados mais como mera ilustração do que como eventos que mantém intrínseca relação em diferentes temporalidades do passado, presente e futuro, ou na expressão de Abreu (2000) transtemporal.

Tendo em conta está dificuldade, segundo Rui Erthal (2003, p. 37), a contribuição de Milton Santos, foi a de “definir estas duas categorias em termos operacionais, materializá-las a fim de serem, mutuamente, includentes e conversíveis”.

No que diz respeito a esse rigor, segundo Milton Santos, há duas questões essenciais: a primeira diz respeito a periodização, a segunda, trata-se, uma vez que a história possibilita ser periodizada, a relação entre diferentes períodos, revelará “uma sucessão de sistemas espaciais na qual o valor relativo de cada lugar está sempre mudando no correr da história” (SANTOS, 2021, p. 254).

Dessa forma, periodizar o tempo histórico implica reconhecer a(s) variável(is) na qual cada momento

histórico – neste caso períodos – fazem parte de um sistema em que cada realidade espaço-temporal mantém relação com fenômenos de sistemas espaços-temporais precedentes.

Isso implica compreender que nenhum elemento que constitui nossa sociedade “pode evoluir isoladamente, nem é capaz de se transformar sem arrastar os demais no movimento, o nosso problema não é o da evolução particular de um elemento, mas o da evolução global” (SANTOS, 2021, p. 255). Assim, a compreensão diacrônica e sincrônica se faz necessária, pois como observa Abreu (2017, p. 33) “[...] cada lugar é, ao mesmo tempo em cada momento histórico, o ponto de interseção de processos sociais que se desenvolvem em diversas escala”.

Nesse sentido, tendo em conta os atuais níveis de relações espaço-temporais na sociedade atual – sobretudo os atuais níveis de relações econômicas capitalistas – os novos fenômenos temporais não ocorrem em espaços intactos e puros – a exemplo do espaço absoluto newtoniano – pelo contrário, a cada momento as relações estabelecidas em cada lugar podem dar origem a novas variáveis a partir de “resíduos” deixados por momentos históricos precedentes, passando assim a estabelecer novas relações. Portanto, para Santos (2021, p. 256), o principal desafio, é “compreender os mecanismos de transcrição espacial dos sistemas temporais”, acumulados, desigualmente, ao longo do tempo.

No que diz respeito aos artifícios metodológicos, além da necessidade dessa vasta compreensão teórica e profunda revisão bibliográfica a respeito do que se quer pesquisar, a fim de contextualizar, o que Maurício de Abreu (2000) definiu como o “presente de então”, é necessário também adequar as variáveis para que possam ser operacionalizadas no contexto em que forem examinadas. Da mesma forma, o levantamento de informações empíricas por meio de fontes primárias é circunstancial para obter informações, dados concretos e materiais sobre eventos e fenômenos do passado.

Nesse sentido, essa problemática aproxima-se desta proposta de pesquisa a respeito da fonte jornalística da Rede Belavistense de Jornais (RBJ) para o estudo da geografia histórica e história do lugar, bem como, a documentação e arquivamento dessa importante e singular fonte de pesquisa da região Sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul.

No entanto, como observa Erthal (2003), um dos grandes obstáculos para obter essas informações, bem como, dados primários, são as condições em que se apresentam tais fontes documentais. Ou seja, sem essas fontes apresentadas, documentada, arquivadas e conservadas de forma adequada, que facilite o acesso e compartilhamento, do contrário inviabiliza-se qualquer pesquisa sobre a geografia histórica em qualquer lugar que seja. Mais do que isso, acredita-se que este projeto de pesquisa, além de obter dados e informações para pesquisas futuras, também possa contribuir para sensibilizar estudantes, pesquisadores, agentes públicos, instituições e toda a sociedade, para a necessidade de documentação e arquivamento de todas as fontes históricas, em especial e nesse caso específico os jornais da RBJ na preservação da memória local e regional.

#### A fonte jornalística no estudo da geografia histórica e história do lugar

Antes ainda de evidenciar as questões específicas dos jornais da RBJ, bem como sua importância como fonte de pesquisa, é preciso ainda destacar algumas questões mais específicas e relativas às metodologias de pesquisa da geografia histórica, especialmente, o que diz respeito ao interesse maior deste projeto: as fontes primárias de pesquisa.

Observa-se que nos estudos espaço-temporais a preocupação com a metodologia adequada ao tema de estudo compõe o eixo central das pesquisas. Tomando como ponto de partida as contribuições de Milton Santos, podemos nos perguntar, de onde e de que forma podem ser extraídos esses fenômenos ou eventos do passado? Se esses fenômenos uma vez periodizados e sendo possível compreender os sistemas espaciais, como esses fenômenos podem ser obtidos empiricamente?

Assim, a pesquisa bibliográfica para o estudo em geografia histórica e história do lugar, apesar de imprescindível como em qualquer pesquisa científica, não é por si só suficiente. Acredita-se que há uma gama diversificada de tipos de pesquisa que podem contribuir neste propósito, como: análise de documentos históricos de modo geral, cartas, diários, documentos institucionais, jornais, relatórios, fotos, imagens etc. Na prática qualquer documento pode ser interpretado mediante um determinado contexto que, dependendo dos objetivos, podem ser utilizados como fonte de estudos na geografia histórica.

Entretanto, o objeto desta proposta de pesquisa, além de debater as contribuições teórico-metodológicas

a respeito da geografia histórica é também induzir a prática de preservação jornalística em acervo digital para que ao documentar, possa também contribuir como fonte de informações para pesquisas futuras.

Há também de considerar que qualquer que seja o método da geografia histórica e a forma de obtenção de dados e informações materializados no tempo passado, não há qualquer possibilidade de reproduzir exatamente no presente o tempo de outrora. Segundo Maurício de Abreu (2000), ao empreender o método da chamada geografia histórica, o máximo que se consegue fazer é se aproximar de fragmentos de momentos do passado que possam dar uma compreensão mais fidedigna e coerente sobre os fenômenos no presente. Nas palavras do autor “esses vestígios estão, em grande parte, materializados em documentos que precisam ser criticamente avaliados, relativizados, contextualizados” (2000, p. 24). E complementa, “contextualizar o vestígio, saber quem o produziu, quando e, se possível, com que objetivo, é, portanto, o primeiro passo a ser tomado” (ABREU, 2017, p. 30).

Essa preocupação com o método de estudo da geografia histórica também é destacada por Carneiro (2018, p. 35), no sentido de que o estudo do passado, “demanda, essencial e necessariamente, o conhecimento dos arquivos, a pesquisa e a interpretação dos documentos preservados. Entretanto, por mais que se tenha amplo acesso a arquivos e documentos históricos, ainda assim, será um “estudo de uma realidade extinta”, em sua maioria parcial e irregular, onde o arcabouço teórico metodológico que dispomos no presente, “nos ajudarão a reconstruir apenas uma pequena fração das ações humanas e dos eventos” no espaço e tempo passados que podem contribuir para compreender o espaço e tempo presentes.

Nesse sentido, percebe-se que a possibilidade de compreender os arranjos espaciais ocorridos no tempo precedente, não pode ocorrer sem o conhecimento dos fenômenos históricos em si, isso perpassa a necessidade da prática interdisciplinar dessas duas áreas de conhecimento. Mas há que se ter atenção ao fato de que a literatura observa a preocupação da geografia não ser confundida com a história –ou vice-versa – bem como, essa prática interdisciplinar não ser confundida como uma miscelânea ou agrupamento homogêneo de áreas de conhecimento que são por sua própria natureza distintas (CARNEIRO, 2018). Assim, o princípio da interdisciplinaridade entre geografia e história não pode correr o risco de cada uma dessas áreas do conhecimento ocupar o lugar da outra. Pelo contrário, é preciso estabelecer trocas para que as áreas de conhecimento possam se retroalimentar e “construir combinações das dimensões básicas desses dois campos conforme as características e as mudanças recorrentes nas duas disciplinas”. Ao construir essa relação de reciprocidade epistemológica, promovendo maior contato ao romper os limites disciplinares, a geografia histórica estará, “melhor posicionada para interpretação das categorias espaço e tempo” (CARNEIRO, 2018, p 34 e 35).

Entretanto, ao proceder na tentativa de buscar elementos teóricos-conceituais-metodológicos da geografia histórica na literatura internacional, Carneiro (2018) em “Questões Teóricas e Tendências da Geografia Histórica”, apresenta, por exemplo, que a primeira obra que examina exaustivamente a relação entre história e geografia, foi publicada somente em 2003 “Geography and History: Bridging the Divide”, de autoria de Alan Baker. Entretanto, segundo o autor, ainda assim, persiste “poucas pesquisas e ensaios publicados que investigam a geografia histórica por si como um campo de estudo” (CARNEIRO, 2018, p. 26).

A ausência de uma robusta investigação da geografia histórica intrinsecamente como um campo de estudo talvez faça mais sentido na atualidade, uma vez reforçada pela ampla diversidade de temas que se relacionam ao objeto de estudo da geografia histórica. Nesse sentido, argumenta Carneiro (2018, p. 32) que “na atualidade, não existe uma tradição única ou monolítica na geografia histórica”. Segundo o autor, levando em conta as publicações e pesquisas apresentadas em eventos e congressos internacionais, estas comprovam o atual pluralismo da produção acadêmica. Esta pulverização da geografia histórica repercute nas metodologias empregadas uma vez que se ampliam a natureza diversificada dos temas, a metodologia de pesquisa também precisa se modificar e aperfeiçoar.

Se por um lado o levantamento de dados e informações empíricas são imprescindíveis, por outro, “a história de um lugar não pode se ater apenas aos processos puramente locais que aí tiveram efeito. Ela precisa relacioná-los a processos mais gerais, que atuam em escalas mais amplas” (ABREU, 2017, p. 30). Entretanto, ao fazer isso, não se pode admitir que os fatos, eventos e singularidades locais, sejam tratados como menos importantes. Em outras palavras, e retomando Milton Santos, a compreensão da totalidade dos fenômenos espaço-temporais, requer que os fenômenos sejam analisados em sua sincronia e

diacronia.

De tal forma que os elementos constituintes das relações espaço-temporais podem ao mesmo tempo funcionar sincronicamente – conjunto de variáveis espaço-temporais que mantém relações funcionais no mesmo período histórico – ou assíncronicas – conjunto de determinadas variáveis espaço-temporais cujas relações são estabelecidas com conjuntos de variáveis de diferentes períodos e idades distintas. Assim “sincronia e assincronia não são de fato opostas, mas complementares no contexto espaço temporal” (SANTOS, 2021, p. 258).

A forma sincrônica ou assíncronica de compreensão dos eventos geo-históricos têm por objetivo superar a percepção linear da dimensão espaço-temporal. A linearidade do tempo limitada a compreensão dicotômica entre passado, presente e futuro – na geografia muito associada a ideia desenvolvimentista do espaço – limita a compreensão global dos fenômenos. Essa percepção predominante do tempo linear, como se refere Santos (2012), obscurece o entendimento do “espaço na totalidade”

Assertivamente, o historiador que mais alcançou uma precisa compreensão tendo a finalidade de superar a cisão do tempo passado, presente e futuro, é Fernand Braudel. Muitos estudiosos, preocupados com a compreensão da dimensão espaço-tempo se debruçaram na vasta produção de Braudel, obras como O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Felipe II Vol. I e II (2016); Civilização material, economia e capitalismo Vol. II, II (1996a, 1996b); Escritos sobre a história. (2014), entre outras, tornaram-se referências nesses estudos, entretanto, de envergadura teórica ainda possivelmente não desfrutada em profundidade no âmbito da ciência geográfica.

Numa tentativa de estabelecer um diálogo com a compreensão da dimensão espaço-tempo a partir da importância da não linearidade do tempo da obra de Fernand Braudel, para a geografia, segundo Lima e Amora (2012, p. 57), trata-se da periodização do tempo, em “curta, média e longa duração – ou tempo geográfico”. O estudo e compreensão com profundidade dessas dimensões temporais no espaço desta proposta de pesquisa sobre a geografia histórica é inviável, entretanto cabe destacar o que no entendimento deste projeto de pesquisa é circunstancial: trata-se de compreender que a materialização dos fenômenos espaciais ocorre em diferentes temporalidades. Todavia, se os eventos históricos forem admitidos isoladamente do tempo das conjunturas e estruturas, pouco podem colaborar para uma compreensão complexas dos arranjos espaço-temporais. Da mesma forma, as estruturas e conjunturas, por si só, ou seja, sem correlação com os eventos atuais, não podem demonstrar a dinâmica dos acontecimentos numa escala temporal maior, isto é, de média e longa duração.

Em poucas palavras, e tendo em conta a estreita compreensão do legado da obra de Braudel, a não linearidade do tempo, didaticamente, diz respeito: 1º os eventos episódicos é o tempo de curta duração (ex. na atualidade os constantes episódios de discriminação racial); 2º é o tempo da conjuntura, conjunto de fatos históricos que permitem compreender a sequência no tempo e no espaço, esse é o tempo de média duração (ex. a Colonização, o tráfico e escravização, Leia Áurea, escravidão moderna etc.); 3º e por último, é o tempo longo, o tempo das estruturas, trata-se da totalidade dos fatos e fenômenos, incluindo-se o antes e o agora, que não podem ser meramente observados no tempo presente/passado (ex. os eventos que hoje consideramos passado, a exemplo da escravização, no passado era presente, mas podem dialeticamente explicar o porquê das coisas se agregarem ou acontecerem em conjunto mesmo estando distantes no tempo, a exemplo dos atuais episódios de discriminação racial; integração, ou a falta dele, da população negra na sociedade; população carcerária majoritariamente negra, e assim por diante, ou seja, são questões complexas que não podem ser devidamente compreendidas sem olhar para os fenômenos no tempo de longa duração).

Em suma, esse imbricamento do tempo que moldam as relações socioespaciais não pode ser compreendido em toda sua complexidade se restringirmos ao tempo linear e dicotômico. Ou seja, a compreensão de Santos (2012) para a percepção das sincronias e assincronias espaço-temporais, é uma tentativa metodológica de compreender o espaço em sua totalidade.

Memória local e regional a partir da Rede Belavistense de Jornais

Para expor a importância do Jornal, bem como a necessidade de discutir e implementar uma forma de preservação da documentação jornalística em acervo digital da RBJ, é importante conhecer um pouco da sua história e como foi possível chegar ao conhecimento desse material.

O início deu-se quando, ao realizar uma proposta de pesquisa institucional com bolsa de Iniciação Científica e contando com a colaboração da orientanda de Iniciação Científica Hilda Rodrigues Maia, tomou-se conhecimento de um material jornalístico disponível na Biblioteca Pública Municipal de Jardim: o Correio Jardinense. Nessa ocasião, em pleno período de pandemia, aulas remotas, restrições de acesso a diferentes lugares, dentre outras restrições, tomar conhecimento desse material, possibilitou a realização da Pesquisa de Iniciação Científica intitulada “Arranjos espaciais do processo de reconfiguração econômica de Bonito-MS” (2021).

Posteriormente, já tendo uma ideia, ainda que preliminar, mas substancial da dimensão do material que se tomou conhecimento, passou-se a buscar mais informações sobre a origem e disposição dos demais arquivos dos jornais da RBJ. Foi aí que se teve contato com o Jornalista João Carlos Velasquez e Victor Hugo Velasquez Pereira, este último filho do fundador do Jornal, jornalista, escritor e editor chefe da RBJ, Ivaldo Pereira. Esse contato oportunizou também ter conhecimento que parte dos arquivos históricos, por impossibilidade de serem mantidos na sede e na gráfica, foram doados aos municípios de origem. Esse foi o caso de termos tido acesso ao Correio Jardinense na Biblioteca Pública Municipal de Jardim. Mas também é o caso do Jornal de Bonito, atualmente sob a responsabilidade da Secretaria de Cultura de Bonito/MS, sob a direção de Wellington Luiz de Marchi.

Em suma, ao fazer essa sondagem foi possível averiguar a existência dos arquivos, aparentemente preservados em sua totalidade, bem como estabelecer relações e contato com pessoas, sejam aqueles e aquelas mais próximos e historicamente ligados ao jornal, bem como, contato com a coordenadora da biblioteca de Jardim, e o diretor da secretaria de cultura de Bonito, independentemente todos movidos pelo interesse de preservação e documentação do material. A digitalização nesse caso sendo pensada na melhor opção é o dever da UEMS, Unidade de Jardim em contribuir e dar início a esse processo.

Vale ressaltar também, ao estar diante dessa oportunidade única de contribuir com a preservação de um material tão rico como esse, tomou-se também a iniciativa, ainda no ano de 2021, mediante as dificuldades impostas pelas restrições do período pandêmico, a execução de um projeto de ensino, neste caso voltado para amenizar as perdas do processo de ensino e aprendizagem nos anos de 2020 e 2021. O Projeto de Ensino, intitulado “Rede Belavistense de Jornais: a fonte jornalística no ensino da geografia histórica local e regional”, tem previsão de conclusão em abril de 2022. Mas importa destacar que a realização desse projeto de ensino, foi também central para idealizar esta atual proposta de pesquisa, pois, os encontros, debates, participações dos colaboradores e outros envolvidos, possibilitou que se compreendesse esse singular material como fonte de pesquisa e estudo da geografia histórica e memória do lugar na fronteira da região Sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul.

A fundação da RBJ é datada do dia 20 de fevereiro de 1972, sendo que “os números 01, 02, 03 foram experimentos para efeito de negativo” (RBJ, s/s), somente a partir da edição número 04 do jornal datada de 8 de abril de 1972, este passou a circular na cidade de Bela Vista – MS, como jornal de fato. Ao longo da história, a RBJ chegou a possuir sete unidades em diferentes municípios da região Sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul, sendo eles: Tribuna da Fronteira, sede da RBJ, instalada no município de Bela Vista – MS, e único jornal ainda em atividade; Jornal de Antônio João; Jornal de Bonito; Tribuna de Caracol; O Lagunense; Correio Jardinense e o Tribuna Murtinhense.

Segundo Velasquez (2021, informação verbal) , Ivaldo Pereira, ao chegar em Bela Vista “ele tinha o desejo de montar um jornal na região”, devido ao conhecimento que tinha sobre os vários municípios, na época ainda, estado de Mato Grosso, decidiu constituir a sede do jornal em Bela Vista. Segundo informações obtidas, antes da RBJ, havia em Bela Vista o jornal “O Belavistense”, jornal que teve “aproximadamente trinta exemplares”, de alguma forma isso influenciou o surgimento da RBJ e os seus exemplares também estão na sede da RBJ.

Ao longo do tempo os jornais passaram por muitas mudanças, além da expansão das unidades em diferentes municípios da região, houve também alterações nos períodos de tiragens, por exemplo, o fato da Tribuna da Fronteira, ter tido um período de aproximadamente dois anos, que sua circulação era diária, com cobertura de toda a região sudoeste do estado, onde possuía sucursais em cada município (VELASQUEZ, 2021, informação verbal).

Após o falecimento de Ivaldo Pereira, a esposa Maria Estela Velasquez Pereira, juntamente com os filhos, sugeriu que os arquivos dos jornais fossem doados aos municípios, bem como, às bibliotecas das cidades de origem. Assim foi feito com quase todos os Jornais, como em Jardim, Bonito, Guia Lopes da Laguna,

Antônio João e Caracol. Entretanto, na sede permaneceram, além dos arquivos da Tribuna da Fronteira, também os jornais os quais os municípios não manifestaram interesses em tornarem-se guardiões desses arquivos, como é o caso do Jornal O Murtinhense (VELASQUEZ, 2021, informação verbal).

Segundo João Carlos Velasquez (2021, informação verbal), as primeiras edições do jornal não foram impressas em Bela Vista, pois no início não haviam equipamentos e nem profissionais qualificados que pudessem operar as máquinas. Por um certo período, após serem redigidas e editoradas as matérias, os jornais eram impressos em Aquidauana/MS, no Jornal O Pantaneiro: jornal este ainda em atividade e o mais antigo da região. Nesse sentido, importante considerar também que as dificuldades para produzir as informações, editoração bem como a impressão, eram ainda maiores ao considerar que na década de 1970 as estradas que conectavam essas cidades da região não possuíam asfaltamento.

Posteriormente a RBJ adquiriu os equipamentos necessários para que as impressões pudessem ser realizadas também em Bela Vista, atualmente, embora não estando em funcionamento, todo equipamento para a produção e impressão dos jornais estão em Bela Vista, e segundo o interlocutor, em plenas condições de funcionamento, bastando apenas realizar as manutenções necessárias. Um detalhe interessante diz respeito aos recursos humanos e a qualificação profissional para operar essas máquinas, escritores profissionais, jornalistas, etc. Como em seu tempo não haviam pessoas qualificadas nessas funções, o Jornal, custeava os deslocamentos dos funcionários, bem como as despesas para realização de cursos para qualificação profissional, que na maioria das vezes eram realizados pela Assembléia Legislativa de MS, Governo de Estado e Associação dos Jornais do Interior (ADJORI), realizados em sua maioria nos grandes centros urbanos (VELASQUEZ, 2021, informação verbal).

Ivaldo Pereira, além de idealizador e editor do Jornal, também era escritor, ao longo de sua trajetória publicou diversos livros e contos. Como haviam muitas dificuldades financeiras, essas publicações também se tornaram formas de angariar recursos para os jornais, a exemplo das biografias e matérias de jornais sobre pessoas, fazendeiros e famílias importantes da região (VELASQUEZ, 2021, informação verbal).

Um das formas de perceber a importância que essas publicações tiveram para se obter recursos para o jornal, segundo o interlocutor, era de que:

as pessoas da região tinham aquela vaidade, tinha muita questão de família, chegava lá num grande fazendeiro e falava, vamos fazer uma foto da sua fazenda, então a foto era um absurdo de novidade, fazia foto da família, foto do carro que comprou do ano, e publicava em uma ou duas páginas contando a história da família (VELASQUEZ, 2021, informação verbal).

Para João Carlos Velasquez (2021, informação verbal) todas essas dificuldades sinalizam apenas uma questão: a de que os jornais permaneceram por este longo período “por muita insistência dele [Ivaldo Pereira] [...] a luta para consolidar o jornal não foi fácil”. E mesmo, com esse imenso legado histórico jornalístico, pouco interesse foi despertado nas lideranças políticas e regionais. Em um momento até chegou-se a criar uma biblioteca em Bela Vista que levava o nome em homenagem a seu idealizador, possuindo o próprio vasto acervo de livros que ele tinha e adquiridos ao longo do tempo. Biblioteca que posteriormente foi fechada, segundo Victor Velasquez (2021, informação verbal) por causa de interesses e/ou disputas políticas locais.

Outra informação importante que demonstra o valor histórico dos jornais e que não se pode deixar também de destacar, é o contexto político em que o Jornal foi criado: o período da Ditadura Militar Brasileira 1964-1985. Como qualquer fonte de informação desse período, a RBJ despertava interesses dos militares, muito provavelmente e ainda mais tratando-se de área da faixa de fronteira internacional, ou seja, área de interesse nacional.

Segundo informações obtidas, enfatiza que esse foi um período muito difícil para o jornal:

[...] tudo o que o jornal publicava, se o Coronel achasse que uma vírgula estava fora do lugar, ou se referia a eles, ao exército automaticamente, mandavam chamar o Ivaldo, para ir no quartel e explicar a situação. Então ele teve momentos de repressão, o jornal várias vezes foi censurado. O quartel monitorava e era interessante, vinha o jipinho, e falavam, ‘o Coronel quer falar com o senhor’, mas não levavam o Ivaldo Pereira no Jipe, tinha que ir a pé, e o Jipe acompanhava ele (VELASQUEZ, 2021, informação verbal).

Nas palavras do próprio interlocutor, apesar de todas essas dificuldades, de todos esses desafios, “foi uma luta que valeu a pena, porque ele deixou um grande legado” (VELASQUEZ, 2021, informação verbal).

Outro exemplo da importância dessa fonte histórica, é evidente na fala:

[...] o jornal de Bela Vista conta todinha a história desde o momento em que iniciou a tão falada Rota Bioceânica, quem iniciou essa discussão da Rota, foi um vereador chamado Osório Miranda dos Santos, aí o irmão dele, o Heitor, que foi prefeito, e o Zeca, que depois foi governador, que encamparam de tanta insistência dele, deu os primeiros passos [...] como o Ivaldo era muito amigo do Osório, foram feitas muitas matérias a respeito disso, desde pelo menos 1998 já se falava da Rota Bioceânica [...] Osório, dizia, ‘esse será nosso futuro’. E o Jornal encampou suas ideias (VELASQUEZ, 2021, informação verbal).

Em suma, e tendo em conta os objetivos desse projeto de pesquisa, pode-se perceber o extraordinário valor histórico dessa fonte jornalista. Isso por si só, já justifica a preocupação e interesse em contribuir com o arquivamento e documentação deste material, nesse caso, a digitalização do acervo será a forma mais adequada.

Entretanto, constata-se também que fazer isso, no breve período de execução deste projeto, será um desafio incomensurável, sobretudo por causa dos poucos recursos financeiros de que se dispõe e a forma que se pretende realizar/dar início a esse empreendimento. No entanto, a digitalização desse material não se pode mais esperar e as possibilidades da forma de implantação desse acervo serão explicadas a seguir na metodologia do projeto.

#### **1.4.3 Objetivos**

Objetivo geral:

Contribuir para a preservação da fonte jornalística da Rede Belavistense de Jornais tendo o propósito de subsidiar futuras pesquisas e/ou práticas de ensino da geografia histórica e história do lugar na Região Sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul.

Objetivos específicos:

Apontar as principais contribuições teórico-metodológicas na análise espaço-temporal com o propósito de subsidiar futuras pesquisas sobre a Rede Belavistense de Jornais;

Empreender a prática de preservação da documentação jornalística em acervo digital da Rede Belavistense de Jornais;

Conscientizar as pessoas, instituições e secretarias públicas e privadas, prefeituras, escolas, bibliotecas, etc. na preservação e divulgação dos documentos históricos da Rede Belavistense de Jornais.

#### **1.4.4 Metodologia e Avaliação**

Como a UEMS, Unidade de Jardim, bem como os cursos de graduação desta localidade não dispõe de estrutura, recursos humanos e financeiros, pelo menos nas atuais circunstâncias, acredita-se que podem ser buscadas formas alternativas para dar início a este processo.

Será um primeiro passo, mas os resultados a se serem atingidos podem ir muito além. Partindo do princípio de que algo precisa ser feito – precisa e com toda certeza pode ser realizado – o projeto visa iniciar e difundir esta proposta, mobilizando, conscientizando e buscando parcerias entre estudantes, professores, instituições, poder público local e regional.

Além dos encontros para debate, discussão e reflexão das propostas teórico-metodológicas, serão realizadas atividades de pesquisas a partir da digitalização dos jornais. Assim, além de poder aprofundar na compreensão da metodologia de pesquisa sobre a geografia histórica, a digitalização do acervo da RBJ

servirá de suporte às pesquisas locais e regionais.

Uma vez aprovada esta proposta de pesquisa, buscar-se-á ampliar as parcerias com pessoas e instituições que possuem interesse neste material – como as parcerias que já foram construídas no âmbito da realização do Projeto de Ensino mencionado anteriormente, como por exemplo: Biblioteca Pública Municipal de Jardim, Secretaria de Cultura de Bonito e o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHG/MS).

Entende-se que ao iniciar a divulgação da proposta com o poder público municipal, secretarias de cultura, secretarias de educação, setor de projetos dos municípios etc. Pode-se despertar o interesse de diversos segmentos da sociedade a fim de colaborarem com a proposta.

Assim, para dar início à digitalização do acervo, buscaremos suporte e apoio, a exemplo do que já é uma prática do IHG/MS, entidade que também não possui recursos próprios e se mantém com apoio de diversos segmentos da sociedade. No caso da digitalização e onde já tivemos a oportunidade de conhecer a prática realizada por este instituto, trata-se da utilização de um sistema adaptado de foto digitalização de baixo custo, ou seja, sem dispor de equipamentos de scanners que são caríssimos. Inclusive, como grande parte dos arquivos da RBJ estão encadernados, essa digitalização só seria possível se fosse adquirido um scanner orbital, equipamento que tem um custo ainda mais elevado. Com a foto digitalização é possível fazer as imagens e atingir praticamente o mesmo objetivo e com alta qualidade.

Assim, haverá a necessidade de dispor além de uma câmera fotográfica digital de qualidade, também, será necessária uma mesa estativa de fotografia adaptada às dimensões dos jornais, além da utilização de software que fará a conversão do arquivo digital de foto em Portable Document Format (PDF). Em visita e consulta ao IHG/MS, que por meio de sua presidente, a professora Maria Madalena Dib Mereb Greco, se dispôs em colaborar dentro das condições do Instituto.

Posteriormente, uma vez realizada a digitalização do material, ou pelo menos parte dela, os arquivos podem ser facilmente compartilhados e postados em websites, quem sabe no próprio site da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Jardim, constituindo, dessa forma, na origem de uma proposta de centro de documentação da Região Sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul.

#### Cronograma de Atividades

Meses de abril e maio de 2022 será destinada à divulgação da proposta com o poder público municipal, secretarias de cultura, secretarias de educação, setor de projetos dos municípios;

Encontros semanais de pelo menos dois períodos totalizando 08h (oito horas) para digitalização do acervo;

Encontros mensais de 02h (duas horas) para debate, discussão e reflexão das propostas teórico-metodológicas da geografia histórica;

#### 1.4.5 Referências Bibliográficas

ABREU, Maurício de Abreu. (2000) Construindo uma Geografia do Passado: Rio de Janeiro, cidade portuária, século XVII. GEOUSP, São Paulo, n. 7, p. 13-25.

\_\_\_\_\_. Sobre a Memória das Cidades in: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPÓSITO, Maia Encarnação Beltrão. A Produção do Espaço Urbano: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2017.p. 19-39.

ANTUNES, Charlles da França. A Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) - origens, ideias e transformações: notas de uma história. 2008. 308 f Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

BRAUDEL, Fenand. Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII. v. 2. São Paulo: Martins Fontes, 1996a.

\_\_\_\_\_. Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII. v. III. [Tradução Telma Costa]. São Paulo: Martins Fontes, 1996b.

\_\_\_\_\_. O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Felipe II. v. I. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

\_\_\_\_\_. O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Felipe II. v. II. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

\_\_\_\_\_. Escritos sobre a história. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CARNEIRO, Patrício Aureliano Silva. Questões Teóricas e Tendências da Geografia Histórica. GEOgraphia, v. 20, n. 42, p. 25-37, 2018.

CASTRO, Josué de. Geografia da Fome. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

ERTHAL, Rui. Geografia Histórica: considerações. Geographia. Ano V, n. 9, p. 29-39, 2003.

MAIA, Hilda Rodrigues; KARAS, Tiago Satim. Arranjos espaciais do processo de reconfiguração econômica de Bonito-MS. Relatório Final de Projeto de Iniciação Científica. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Jardim/MS, 2021.

MOREIRA, Ruy. O que é geografia, São Paulo: Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. O Movimento Operário e a Questão Cidade-campo no Brasil: classes urbanas e rurais na formação da geografia operária brasileira.

SANTOS, Milton. Por Uma Geografia Nova, São Paulo: Edusp, 2012.

## 1.5 Anexos

Nome	Tipo
anexo_5sr_2018___carga_horaria_da_equipe.pdf	Anexo 5 SR - Pesquisa
anexo_2sr_2018___anuencia.pdf	Anexo 2SR - Pesquisa
anexo_1sr_2018___conselho_de_Etica_e_sisgen.pdf	ANEXO1SR-2020

---

## 2. Equipe de Execução

---

### 2.1 Membros da Equipe de Execução

#### Docentes da UEMS

Nome	Regime - Contrato	Instituição	CH Total	Funções
Anailton de Souza Gama	40 horas	UEMS	0 hrs	Voluntário
Tiago Satim Karas	Dedicação exclusiva	UEMS	0 hrs	Coordenador(a), Gestor

#### Discentes da UEMS

Não existem Discentes na sua atividade

**Técnico-administrativo da UEMS**

Nome	Regime de Trabalho	Instituição	Carga	Função
Hudson Lolli Ghetti	40 horas	UEMS	0 hrs	Voluntário

**Outros membros externos a UEMS**

Nome	Instituição	Carga	Função
Cláudia Aparecida Paez Acosta	Secretaria Municipal de Educação - Biblioteca Municipal de Jardim	0 hrs	Voluntário
João Carlos Velasquez	UEMS	0 hrs	Voluntário
Maria Madalena Dib Mereb Greco	Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso do Sul	0 hrs	Voluntário
Wellington Luiz de Marchi	UFMS	0 hrs	Voluntário

**Coordenador:**

Nome: Tiago Satim Karas

Nº de Matrícula: 428466027

CPF: 04893927922

Email: satimkaras@uems.br

Categoria: Professor Adjunto

Fone/Contato: 67-981972842 / 67-981972842

---

Local

, 01/06/2022

---

**Tiago Satim Karas**  
Coordenador(a) da Proposta de Pesquisa

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**

**Parecer do Coordenador de Curso**

**Parecer do Gerente da Unidade**